

# GESTÃO FEMININA DO PROJETO IMIGRATÓRIO E SUAS QUESTÕES

## Feminine administration of the migratory project and its subjects

*Márcia Bastos da Silva*□

**Palavras-chave:** Mulheres; Imigração; Questões atuais

Nos dias atuais a mulher vem cada vez mais sendo protagonista do Projeto Imigratório. Mesmo que inúmeros cientistas sociais afirmem que “esse empreendimento nunca parte de um projeto individual, pois parentes e amigos são essenciais para o êxito na experiência imigratória”,<sup>2</sup> cabe à mulher o papel fundamental de preservar a estrutura e garantir a prática do mesmo. Não é raro ela seguir sozinha (ou com os filhos) na continuidade do projeto, assumindo todos os riscos e responsabilidades, quando o cônjuge e/ou outros familiares desistem e enveredam por outros caminhos.

Imigrar, na minha visão, é sobretudo um desejo da busca contínua de qualidade de vida e é isso que justifica essa enorme mobilidade humana – pessoas que vêm e vão, num movimento ininterrupto, repleto de muitos e, por vezes, enormes desafios. E é pensando na família, nos entes queridos e em si mesma (nessa ordem!), que cada vez mais muitas mulheres escolhem esse caminho.

---

\*Psicóloga, especializada em Psicossomática e Mestre em Aconselhamento Cristão (FCU-Florida,USA). Fundadora e Presidente da Organização não governamental The Winner Women Association, que tem como foco o trabalho com mulheres brasileiras imigrantes nos Estados Unidos da América.

DIAZ, Juliana Braz. “Projeto migratório e suas transformações”.

## O trabalho direto com as mulheres migrantes

Há quase uma década tenho tido a oportunidade de conviver com mulheres as quais denomino “Vencedoras na América”. Há seis anos fundei a organização não governamental e sem fins lucrativos *The Winner Women Association* (WWA) que conta com o apoio de diversas instituições, como o Consulado Geral do Brasil, os jornais brasileiros locais e empresas e instituições que atuam nos Estados Unidos. Nosso trabalho é todo organizado e executado por voluntárias.

Nossa missão é fornecer e trocar informações sobre o que se refere à qualidade de vida da mulher brasileira que vive nos Estados Unidos construindo uma rede de amizade e conhecimento. Acreditamos que a mulher ocupa um papel central na estrutura familiar e seu bem-estar pessoal é determinante para a qualidade da execução deste papel.

Apesar da colocação de Margolis,<sup>1</sup> de que “muitos imigrantes tem pouco tempo e inclinação para gastar com organizações de base comunitária”, o que pode ser percebido ao longo do tempo é que, de uma maneira geral, as mulheres mostram uma grande disponibilidade para um objetivo comum, para o trabalho voluntário, para a solidariedade, agregando dessa maneira “algo a mais” no esboço do projeto imigratório.

### Quem são essas mulheres?

Elas são provenientes das mais diversas partes do Brasil, mas um grande número vem dos estados de Minas Gerais, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Há tempos variáveis de imigração, assim como idades. A grande maioria tem o Segundo Grau completo e uma boa parte de nossas mulheres trabalham com a limpeza de casas (House Cleaners), sendo que quase a totalidade delas nunca trabalhou em tal função no Brasil. Menos da metade consegue conciliar os estudos com o trabalho e os cuidados com a família. Mais da metade dessas mulheres tem filhos e não é raro encontrar aquelas que os deixaram no Brasil, aos cuidados de parentes. Uma parcela considerável não consegue ainda dominar o idioma inglês e, dependendo de onde essa mulher mora, do trabalho que executa e/ou da comunidade onde ela vive, usar, ou tentar usar o idioma espanhol como alternativa, é a saída para lidar com as questões do dia a dia. Certa vez, ouvi de uma mulher que trabalhava em casa como esteticista que “assistir novelas hispânicas foi a salvação para viver nessa terra!”. Um número expressivo experimentou aqui a, comumente, triste situação de divórcio.

<sup>1</sup> MARGOLIS, Maxine. “Na virada do milênio: a emigração brasileira para os Estados Unidos”.

O que nos sensibiliza e nos satisfaz é notar que essas mulheres, com características tão distintas, têm algo em comum: uma força inimaginável no que diz respeito a lutar por seus objetivos, por não se deixarem abater diante dos muitos desafios intrínsecos ao Projeto Migratório.

Como a qualidade de vida é a questão central do trabalho da WWA, nos anos de 2006 e 2008, resolvemos pesquisar quais seriam as principais tendências em relação às maiores preocupações das mulheres brasileiras imigrantes naqueles períodos.

Nos encontros periódicos que desenvolvemos, essa questão foi estudada através de dinâmicas de grupo e aplicações de levantamentos sobre o tema em questão e, assim, obtivemos mais de 400 questionários respondidos. Abaixo transcrevemos os resultados obtidos nas duas investigações:

### **As maiores preocupações em 2006**

Ao ser perguntado em 2006 sobre “qual seria sua maior preocupação nesse momento”, obtivemos os seguintes resultados fornecidos pelo grupo estudado:

-aposentadoria	5%
-filhos e/ou familiares	36%
-vida conjugal	6%
-qualidade de vida	25%
-situação econômica	10%
-situação imigratória	18%

Ao ser perguntado em 2008 sobre “qual seria sua maior preocupação nesse momento”, obtivemos os seguintes resultados fornecidos pelo grupo estudado:

-aposentadoria	5%
-filhos e/ou familiares	12%
-vida conjugal	10%
-qualidade de vida	5%
-situação econômica	41%
-situação imigratória	27%

Considerando o trabalho exercido pela Associação e as análises realizadas sobre os dados, segue alguns elementos de leitura de tendências que os dados obtidos nos dois levantamentos podem sugerir:

- No ano de 2006, percebe-se que uma das maiores preocupações das mulheres do grupo estudado seria a questão da qualidade de vida, que, em termos práticos, engloba o lazer, os cuidados com a

saúde e consigo mesma, além da educação, entre outros aspectos relacionados. Nessa época, a falta de lazer era muito citada, provavelmente pelos poucos recursos financeiros destinados a essa atividade e também pela insegurança gerada pela necessidade de deslocamento (ir a um Show, por exemplo) e à falta de *Driver's License* (carteira de motorista). Os cuidados com a saúde são facilmente relegados ao segundo plano, por questão de prioridades na aplicação dos rendimentos financeiros, pela falta de tempo e também em relação ao próprio descanso, além do tempo para os cuidados consigo mesma: ir à manicure ou cortar o cabelo, por exemplo, os quais foram itens bastante mencionados. Também dentro desse aspecto foram citadas as condições desfavoráveis de habitação e a não concretização dos planos de retornar aos estudos, por inúmeras razões. Quanto a esse aspecto, a grande maioria das entrevistadas trabalha fora ou exerce atividades remuneradas em casa e acumula jornadas (família, filhos, atividades na igreja, etc.) fazendo com que seja adiado o plano relacionado à educação.

- A situação imigratória nessa época também foi citada como uma das maiores preocupações das mulheres, já que estávamos na expectativa da aprovação de novas leis que favorecessem os indocumentados. A expectativa não foi consolidada e muitas mulheres continuaram a vivenciar as agruras de continuar indocumentadas. Uma outra questão que começava a surgir nessa época: retornar ao Brasil ou continuar fiel ao projeto imigratório?
- Quanto ao maior índice citado ter sido a questão dos filhos e/ou familiares, notou-se nessa ocasião, um aumento no número de separações conjugais, mesmo que muitos casais, por dificuldades financeiras principalmente, optassem por continuar a viver sob o mesmo teto, trazendo a necessidade de ajustes no sistema familiar. Dificuldade em remeter aos familiares no Brasil os mesmos recursos financeiros de antes também era uma das maiores queixas entre o grupo investigado. A cotação do dólar nessa época sofreu grandes alterações, fazendo com que as mulheres tivessem que majorar a renda familiar, o que, para a maioria, foi praticamente inalcançável. Filhos adolescentes, com dificuldades de prosseguir o estudo devido à falta de documentos, também era uma questão preocupante.
- Com os dados obtidos no Levantamento de 2008, torna-se interessante observar as modificações ocorridas num período

de dois anos, em um grupo com o mesmo perfil. Nessa nova investigação, a questão que se destaca entre todas as mulheres é a grande preocupação com a situação econômica que do país, questão esta que, segundo muitos profissionais que se dedicam ao estudo das migrações, é crucial na elaboração do Projeto Migratório. Como cita Margolis,<sup>2</sup> “o impacto da queda das torres gêmeas não ficou limitado àqueles que foram mortos no ataque terrorista”. Até o presente momento, estamos vivenciando as conseqüências de uma situação que provavelmente iniciou-se com essa tragédia. Inúmeros analistas financeiros colocam que o governo americano, numa tentativa de reanimar suas centenas de milhares de habitantes, facilitando ao máximo a compra da casa própria e incentivando demasiadamente o consumo de bens, baixou consideravelmente as taxas de juros, dando crédito sem o menor critério. O resultado disso é sentido nesse momento, quando a economia da maior potência do mundo demonstra-se seriamente abalada. Inúmeros imigrantes indocumentados e com limitados recursos financeiros viveram, por um breve período infelizmente, o “sonho da casa própria”. Hoje esse sonho tornou-se um pesadelo e um número expressivo teve que devolver suas casas para a instituição que a financiou e muitos outros ainda correm o risco de ficarem sem ter onde morar.

- No panorama atual, referente a 2008, questões familiares, dificuldades com os filhos, preocupação com a aposentadoria, falta de lazer e de cuidados com a saúde, além de muitas outras questões, ocupam lugares de menor importância na hierarquia do que é relevante ao Projeto Migratório e ousamos dizer que, um abalo econômico de tamanho vulto, pode facilmente pôr em risco todo o desenvolvimento e o esperado êxito de tal Projeto.
- Em conseqüência da situação atual, muitas mulheres passam atualmente por crises de ansiedade, distúrbios variados e por quadros de depressão. É comum, nesses momentos de maior dificuldade, que muitas procurem ajuda espiritual e também a troca de informações sobre a situação do Brasil junto a parentes e amigos que neste vivem, provavelmente como uma maneira de ter alternativas no caso da situação ficar insustentável.
- Em nossas observações podemos dizer que, em comparação a

<sup>2</sup> MARGOLIS, Maxine, *op. cit.*

2006, a mulher de hoje, de uma maneira geral, é uma mulher mais tensa e apresenta sinais de cansaço e desânimo, diminuindo em muito o nível de qualidade de vida que levava há dois anos.

Nenhuma mulher será a mesma depois de passar pela experiência da gestão do Projeto Imigratório. Mesmo com as inúmeras dificuldades inerentes a tamanho projeto, como citou Teresa Lisboa,<sup>3</sup> “as mulheres que migram experimentam uma verdadeira alquimia em suas vidas, em sua identidade e em seu cotidiano...”, e posso confirmar isso através do meu trabalho junto às brasileiras nos Estados Unidos. Quando nomeei o grupo como “Vencedoras na América” não houve, de forma alguma, nenhum exagero. As vejo como pessoas que devem ser objeto de enorme admiração, com grande vontade de acertar e capacidade de perseverar. Na gestão feminina do Projeto Migratório percebo, também, uma grande dose de criatividade e uma enorme disposição à solidariedade, além de uma rotina movida pela fé, pela esperança e por muito amor ao próximo. Ao delinear o esboço do Projeto de Migração, a mulher demonstra uma força por vezes desconhecida para enfrentar enormes desafios e, mesmo estando exposta a crises dos mais variados tipos, ela carrega dentro de si uma grandiosa capacidade de superação. E é nessa capacidade que eu acredito que ela recorrerá, caso seja necessário.

### **Bibliografia essencial**

- DIAZ, Juliana Braz. “Projeto migratório e suas transformações”. *REMHU*, v. 14, n. 26/27, 2006.
- LISBOA, Tereza Kleba. “Gênero e migrações”. *REMHU*, v. 14, n. 26/27, 2006.
- MARGOLIS, Maxine. “Na virada do milênio: a emigração brasileira para os Estados Unidos” – Tradução de Carolina Góes e David Fleisher, in MARTES, Ana Cristina; FLEISCHER Soraya (org.). *Fronteiras Cruzadas – Etnicidade, Genero e Redes Sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- WWA – THE WINNER WOMEN ASSOCIATION. *Documentos*. EUA, 2006/2008.

<sup>3</sup> LISBOA, Tereza Kleba. “Gênero e migrações”.